



Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq

Bolsista: María Virginia Suby – RA: 183653

Orientador: Prof. Dr. Bruno Martarello De Conti

UNICAMP – Agosto/2019 a Setembro/2020

Título do Projeto:

Desigualdade de renda na China: o custo da abertura e do crescimento econômico.

Resumo

Atualmente, o destaque da China para a compreensão do cenário econômico global é absolutamente inquestionável. O país alia uma alta taxa de crescimento anual do PIB – a mais rápida expansão sustentada por uma grande economia na história —, população de 1,3 bilhão de habitantes (país mais populoso) e o terceiro maior território do mundo, além de ser a economia que mais contribui para o crescimento mundial desde a crise financeira global que eclodiu em 2008 (dados disponíveis no World Bank). Compreensivelmente, o país chama hoje a atenção de diversos pesquisadores, sendo um país peculiar por ser uma nação comunista, com um Estado forte e centralizado.

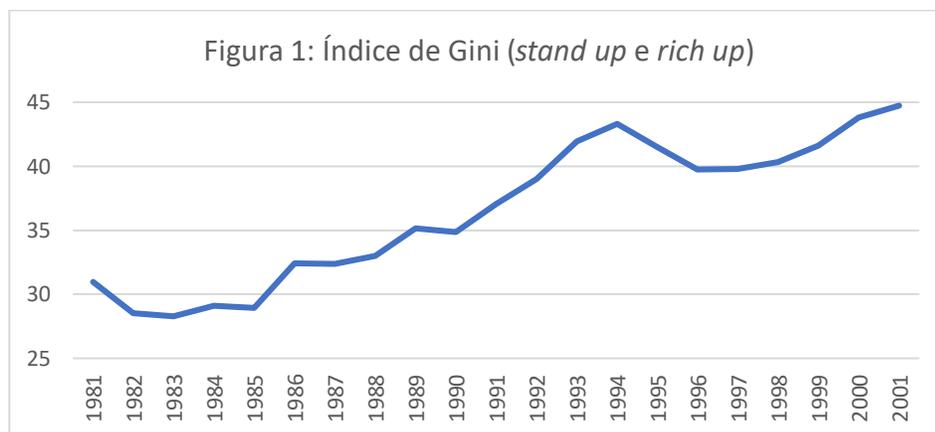
O quadro social chinês é caracterizado pela rápida redução da pobreza e pelo sério aumento das desigualdades (de renda e de acesso a bens públicos). Tendo em vista tal quadro, estudou-se a desigualdade de renda na China no período entre 1949 até a atualidade. O projeto aborda a relação entre desigualdade, globalização e desenvolvimento de uma forma ampla; realiza uma investigação, com base na literatura existente e com análise empírica, a respeito da evolução da desigualdade de renda no país; e, posteriormente, estuda os aparatos utilizados pela China para mitigar a desigualdade que atravessam todo o período histórico estudado.

Para estudar a evolução da desigualdade de renda no país, foi necessário realizar uma recuperação histórica (de 1949 até os anos 2000), analisando quais medidas estatais acentuaram ou reduziram as diferenças de renda e quais foram os governos que as adotaram. Em seguida, examinou-se os índices socioeconômicos do país no século XXI, utilizando dados empíricos e análises recentes que buscam compreender as transformações que o país vem experienciando nos últimos 20 anos. Assim, se teve uma melhor compreensão da disparidade de renda no país, permitindo uma análise mais precisa das políticas chinesas, atuais e futuras, para o combate da desigualdade de renda.

O processo de crescimento da China foi acompanhado de uma oscilação nos dados de desigualdade. Para analisá-los, utilizou-se uma divisão baseada no discurso de 2017 de Xi Jinping, que separa em três partes a história chinesa - “*China has stood up, grown rich, become strong, and is moving towards center stage*”.

O primeiro período é denominado de *stand up*, que abrange de 1949 a 1978. Na Libertação de 1949, os comunistas chegaram ao poder e as instituições coletivistas tradicionais, que tinham sido prejudicadas pela ocidentalização desde 1840, foram restabelecidas e fortalecidas. O resultado foi a redução das desigualdades de renda e melhora da capacidade institucional do Estado, apesar do terrível fracasso do “Grande Salto Adiante”, projeto que resultou em uma fome generalizada no campo.

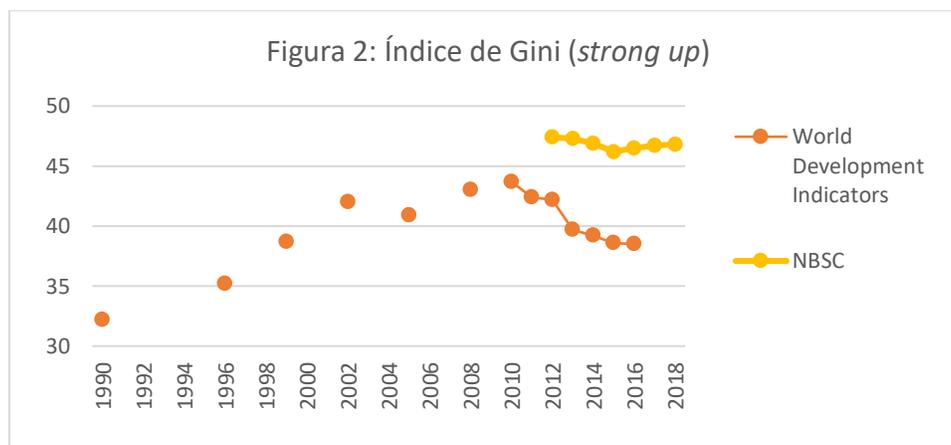
O segundo período é denominado de *rich up*, que abrange de 1979 a 2000. Este foi marcado por reformas de mercado, principalmente a partir dos anos 1990. Houve uma espetacular redução da pobreza no país, porém, foi acompanhada por um aumento da disparidade de renda. Isto porque houve piora nos salários de base e estagnação dos rendimentos no campo. A remuneração do trabalhador rural vinculado à agricultura de base influencia o salário urbano, de forma que a distribuição de renda tende a melhorar quando a produtividade e a renda agrícola sobem alinhadas com a produtividade do conjunto da economia, ou quando o governo interfere reduzindo a heterogeneidade setorial, por meio de preços de transferência.



Fonte: Ravallion and Chen (2007); elaboração própria.

O terceiro período é denominado de *strong up*, que abrange o século XXI. Este é marcado pelo governo de Xi Jinping, no qual o Índice de Gini parece apontar para uma estabilização do nível de desigualdade. A China no século XXI é marcada pelo desenvolvimento denominado de “novo normal”, em que se tem uma desaceleração no ritmo de crescimento, considerada necessária para atingir as novas metas estabelecidas, que abrangem, além do aspecto econômico, o social e ambiental. Nota-se o esforço do governo chinês em transformar sua estrutura de uma dependente de investimento em uma baseada em inovação tecnológica, com dinamismo regido pelo consumo e serviços, e, para isso, o *soft landing* é tido

como necessário. Os recentes planos de desenvolvimento regional implementados e as regulações mais fortes do mercado de trabalho, principalmente com relação ao salário-mínimo, podem ser a causa para a estabilização do índice de Gini. Apesar da postura do Estado ser fundamental para essa conquista, é importante destacar que a mobilização dos trabalhadores teve papel importante para pressionar o governo a rever sua conduta. Contudo, a estabilização da desigualdade ainda não está consolidada, dado que é um movimento muito recente e o aumento no número de bilionários do país questiona essa tendência, enriquecidos pelo processo de urbanização (via o *boom* da construção civil e do mercado imobiliário), de expropriação de terras de agricultores e de apreciação e apropriação de capital no mercado de ações (indústrias e *start ups*).



Fonte: *World Development Indicators* e *National Bureau of Statistics of China* (NBS); elaboração própria.

As diferentes etapas da trajetória chinesa são marcadas por uma característica em comum: os valores comunistas. A tradição milenar asiática de coletivismo foi essencial para garantir a economia planificada na China, considerada a grande responsável pelo desenvolvimento chinês, e para garantir aparatos que mitigaram as desigualdades no país, que atravessam todo o período estudado, como a financeirização com características chinesas, a posse pública de uma grande parcela da propriedade nacional e a estrutura de terras baseada na pequena agricultura familiar.

A hipótese que norteou a pesquisa é que não é razoável perceber a piora distributiva ocorrida no período de reformas como resultado “natural” do estágio de desenvolvimento do país, nem sequer que o sacrifício da igualdade é necessário para o desenvolvimento, seja de forma definitiva ou como uma etapa inevitável. A experiência de desenvolvimento chinesa serve como uma importante base de aprendizado para países subdesenvolvidos, como o Brasil, e, por isso, é essencial que seja estudada com cautela, considerando os aspectos econômicos, políticos e sociais.